

A POSSIBILIDADE DE SE COMPREENDER UMA VERDADE MAIS ORIGINÁRIA SOBRE O SIGNIFICADO DA TÉCNICA EM MARTIN HEIDEGGER

Bruno Martins Pinto

Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

RESUMO:

O presente artigo tem por finalidade verificar um estudo sobre a Técnica, pretende-se com isso investigar os aspectos fundamentais os quais propiciaram o seu desenvolvimento exercido através de sua função controladora, levando em consideração o impacto que ela ocasiona no homem e na natureza. Para isso será necessário retomarmos as contribuições feitas pela filosofia de Martin Heidegger, uma vez que o filósofo considera a possibilidade de se fazer um entendimento mais genuíno sobre tudo aquilo que cerca a dimensão da Técnica, com isso intenciona-se buscar uma verdade mais originária, afim de que se possa possibilitar a livre relação do Ser humano com essas diversas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE:

Martin Heidegger. Investigar. Técnica.

ABSTRACT:

This article aims, check out a study on the technology, we intend to investigate this with the fundamental aspects which led to the development exercised through its controlling function, taking into account the impact it causes in men and nature. This will require resume the contributions made by the philosophy of Martin Heidegger, since philosopher considers the possibility of making a more genuine understanding of all that about the size of the Technical thereby intends to seek a more original truth in order that it can enable the free relationship of the Human Being with these various technologies.

KEYWORDS:

Martin Heidegger. Investigate. Technique.

INTRODUÇÃO

A Técnica modificou a maneira como nos relacionamos, na medida em que ela interfere na forma como pensamos e agimos no nosso cotidiano. Na sociedade contemporânea, deparamo-nos com a pujança do império da tecnocracia, cada vez mais somos provocados a utilizar instrumentos tecnológicos, para propiciar uma melhora na nossa qualidade de vida ou para a destruição de tudo aquilo que existe de vida orgânica neste planeta.

Nessa perspectiva a Técnica está impregnada no homem, simbolizada pelas máquinas e demonstra como é a nossa relação com o mundo. O homem, nos dias atuais, está perdido, visto que não conhece mais a sua identidade, está sendo programado pela ciência e explorado pela Tecnologia. Entender como ocorreu esse processo hegemônico da Técnica, nos dias atuais, é de vital importância, sendo que a filosofia de Martin Heidegger nos apresentará uma possibilidade de descoberta essencial de como se originou essa sua força, a qual suprime a nossa humanidade. Conhecer esse processo Histórico e Filosófico é, indubitavelmente, necessário.

Entender a Técnica a partir de Heidegger significa conhecê-la em sua essência, haja vista que, se não voltarmos para a busca daquilo que realmente é o seu fundamento, correremos o risco de não compreender a sua relação com o homem e a natureza. Por isso, é necessário considerar o fato de que a sua essência está encoberta e esquecida, e se seguimos a considerar essas especulações incertas como algo verdadeiro, estamos fadados a acreditar na sua não essência. Para atingirmos a sua real irrupção, devemos encarar a sua verdade ontológica, qual está fundada na forma de desencobrimento do Ser¹.

¹ A indagação filosófica principal desde a antiga Grécia estava identificada na afirmação da realidade e no modo como ela poderia ser entendida, na sua aceção verdadeira pelo pensamento. Entende-se por Ontologia o conhecimento do Ser e dos entes tais como são em si mesmos de forma verdadeira e real. A palavra Ontologia é constituída por duas outras: onto e logia. O termo onto é oriundo de dois substantivos gregos, ta onta e ta eonta que, por sua vez, são derivadas do verbo ser (einai, como é conhecido em grego). A palavra ta onta significa as coisas realmente que são possuídas por alguém, ou seja,

O Ser sempre vai ser contrário àquilo que parece ser. Essa aparência do real conhecida também como impropriedade vai ser aquilo que situa o homem para fora desse chamado do Ser, sendo a grande causadora desse encobrimento, uma vez que amarra o homem às trivialidades das coisas no nosso cotidiano, impossibilitando a capacidade do pensar. O Ser e o pensamento são um só, por isso é necessário que haja uma identidade entre essas duas categorias, para que assim se saia da impregnação "coisificante" do mundo e se possa assim fazer a experiência do chamado do Ser, haja vista que, dessa maneira, sairemos das direções incertas, atingindo o caminho da verdade.

1 A ESSÊNCIA DA TÉCNICA

Seguindo a filosofia de Heidegger, a tarefa do questionar é entendida como uma devoção do pensar visto que ao questionarmos a Técnica, adentraremos em um novo caminho o qual está vinculado com a construção do pensamento. Nunca se pode ter um arredondamento filosófico sistemático, pois o fim do filosofar está contido na interrupção do pensar, por isso não se pode negar a capacidade de construção do pensamento. A metafísica não pode ser uma doutrina que tem por preocupação as coisas supras sensoriais, mas sim a busca de um ir além focando um novo sentido original, o qual está associado à relação do pensar no nosso cotidiano. Estamos submersos na objetividade determinada pela ciência, a qual se perpetua como sistema identificador de tudo, que nos alija de uma discussão essencial sobre as questões dos sentidos das coisas.

Para podermos compreender a Técnica em sua origem, devemos abrir a existência do (Dasein) Ser-aí para a essência da Técnica. Desse modo ao empreendermos um questionamento sobre a Técnica, pretendemos articular uma

os seus bens, e o vocábulo ta eonta representa aquelas coisas existentes em sua realidade. O participio presente do verbo einai é identificado pelas duas determinações on e ontos as quais são simbolizadas respectivamente, pelas expressões ente e entes. O substantivo do verbo Ser (to on) foi formado pelas palavras on, onta e eonta.

livre relação com ela, poderemos estabelecer uma intencionalidade com tudo aquilo que é técnico, sobretudo, as máquinas e aparelhos. Nunca poderemos conhecer a essência da Técnica uma vez que a conhecemos somente por aquilo que é técnico. Assim, estaremos aprisionados, permanecendo sem liberdade e cegos perante a sua essência. A Técnica não é igual à essência da Técnica.

“Quando procuramos a essência de uma árvore, temos de nos aperceber de que aquilo que rege em toda árvore como árvore, não é em si mesmo, uma árvore que se pudesse entre as árvores” (HEIDEGGER, 2012, p.11).

Quando compreendemos que estamos no controle da sua utilização, permanecemos afastados de sua essência, a qual determina que o homem seja invadido e feito escravo pelos seus próprios produtos. Para podermos conceber o que seria a Técnica em sua realidade, devemos conhecê-la a partir de sua essência. A concepção antiga da expressão essência remete àquilo que algo é, então devemos questionar a Técnica para entender o que ela é. A palavra Técnica vem do latim instrumentum que se traduz por instrumento e pode ser explicada em decorrência desses dois enunciados: 1ª a Técnica é um meio para fins; 2ª a Técnica é um fazer do homem. Essas duas percepções estão inter-relacionadas, haja vista que tanto estabelecer fins como buscar meios são instâncias efetivadas sobre um fazer humano. Organizar o funcionamento de instrumentos, máquinas e aparelhos está vinculado a uma articulação do homem e tem a intenção de atingir alguma finalidade. “Pertencem à técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos, e as necessidades a que eles servem. O conjunto de tudo isso é a técnica”. (HEIDEGGER, 2012, p. 12).

A essência da Técnica compreendida, em um primeiro momento, é representada como um meio que tem por intenção estabelecer algum fim em decorrência da ação humana. O Ser da Técnica se mostra dessa forma através da manipulação feita pelo homem de

instrumentos, por causa de suas necessidades, sejam elas de origem econômicas, como foi estabelecido no período industrial, em decorrência das máquinas nos meios de produção, ou por causa de suas limitações, as quais potencializam as suas ações, como é o caso das criações dos meios de transporte que propuseram melhorias na capacidade de se locomover a longas distâncias em um período menor de tempo. Todas essas considerações acerca da Técnica são concebidas como um meio qual pode ser chamada de Determinação Instrumental da Técnica².

1.1 O DESENCOBRIENTO DA TÉCNICA MANUAL ANTIGA

Quando nos deparamos com essa consideração instrumental da Técnica, não podemos esquecer que não estamos em relação com a sua essência, uma vez que nos deparamos apenas com a sua manifestação. Em decorrência disso, estamos nos relacionando com a sua essência encoberta. Então, questionaremos essa concepção instrumental da Técnica, na medida em que, se ela não for mesmo um meio passível de ser dominado, de que forma ocorrerá essa vontade de dominá-la?

Com isso, devemos questionar o que é realmente o instrumental? Se um meio é, de fato, aquilo pelo qual se efetua uma ação com intuito de obter alguma coisa? A causalidade está relacionada com essa condição de ter por consequência algo que se atinge partindo de um efeito, entretanto será que ela tem por primazia apenas essa denotação?

A filosofia ensina há séculos que existem quatro causas: 1) a causa materialis, o material, a matéria de que se faz um cálice de prata; 2) a causa formalis, a forma, a figura em

² A Determinação Instrumental permite-nos perceber a relação existente entre o homem e a Técnica, uma vez que esta é vista como um meio de possibilidades para a obtenção de um fim visando a atingir um objetivo. Essa concepção é considerada correta tanto para explicar a Técnica Manual Antiga como a Técnica Moderna, mesmo elas sendo bastante diferentes, porém o correto está muito longe de ser o verdadeiro. A Determinação Instrumental é correta, mas não é verdadeira, e não podemos esquecer que é o caminho verdadeiro o qual nos guia para direção do pensamento.

que se insere o material; 3) a causa finalis, o fim, por exemplo, o culto do sacrifício que determina a forma do cálice usado; 4) a causa efficiens, o ourives que produz o efeito, o cálice realizado, pronto. Descobre-se a técnica concebida como um meio, reconduzindo-se a instrumentalidade às quatro causas (HEIDEGGER, 2012, p.13).

A doutrina das quatro causas, a qual remete a Aristóteles, também é vista dessa forma, ou seja, como um meio utilizado pela ação humana com um intuito de alcançar alguma finalidade que está encoberta, pois, quando seguimos essa determinação, permanecemos na escuridão e nos mantemos afastados de sua essência. Devemos, portanto, focar-nos na intenção de entender qual é o significado de causa no sentido etimológico da palavra, porque, se a analisarmos com essa relação de algo que opera e tem um efeito, corre-se o risco de não se atingir a sua essência. A palavra causa vem do latim *causus* e provém do verbo *cadere*, que significa cair, sendo aquilo que tem por fundamento fazer surgir algo, de alguma maneira, no resultado. A causalidade entendida no sentido grego da palavra (*αηιον*) não tem nada a ver com um operar visando a atingir algum fazer, mas sim aquilo que se compromete com outra coisa incumbida por um responder e dever. Então como é feita a produção de um libatório, partindo dos modos de comprometimento?

A prata é aquilo de que é feito um cálice de prata. Enquanto uma matéria (*λη*) determinada, à prata responde pelo cálice. Este deve à prata aquilo de que consta e é feito. O utensílio sacrificial não se deve, porém, apenas à prata. No cálice, o que se deve à prata aparece na figura de cálice e não de um broche ou anel. O utensílio do sacrifício deve também o que é ao perfil (*εδò*) do cálice. Tanto a prata, em que entra o perfil do cálice, como o perfil, em que a prata aparece, respondem cada uma, a seu modo, pelo utensílio do sacrifício (HEIDEGGER, 2012, p.14).

A matéria e a forma estão estritamente interligadas no todo da causalidade através da

relação de responder e dever existente entre elas. Existe também um terceiro elemento comprometido com a matéria e a forma, o qual tem por função a finalidade do processo. A concepção de finalidade é entendida aqui parte de uma determinação estritamente diferente da identificação de causa final, pois ela define, com premeditação, a taça como um utensílio para funcionalidade religiosa, finalizando o objeto. Entretanto, esse objeto, após o término de sua produção, não termina na medida em que ele vai começar a ser, como é o caso do libatório o qual será utilizado no rito religioso. Por fim, ainda existe um quarto elemento, o forjador, que participa da causalidade na medida em que ele junta os três denominados modos de comprometimento. O forjador é reconhecido, por sua vez, como o segmento mais importante em todo esse processo, uma vez que é através de sua reflexão que se acabam viabilizando os outros três modos de comprometimento, fazendo com que eles entrem na fabricação do objeto. Seguindo as considerações feitas por Heidegger, a função do forjador é bem diferente da noção da causa eficiente Aristotélica, sobre a qual ele não tem conhecimento e a entende como um efeito de um fazer e, com isso, não conhece o seu sentido originário e acaba por não utilizar um nome grego que corresponda à sua realidade.

O forjador da prata reflete e junta os três denominados modos de comprometimento. Refletir significa em grego (*λεγειν, λγο*). O refletir repousa no (*νεζα*), levar à luz. O forjador da prata está comprometido enquanto o algo a partir de que o trazer à frente, e o repousar em si do libatório, tomam e mantêm seu primeiro impulso (HEIDEGGER, 2007, p.378).

Os quatro modos de comprometimento são diferentes entre si, porém estão relacionados, haja vista que são esses quatro modos de comprometer responsáveis por fazer com que alguma coisa apareça, permitindo que algo venha a vigorar no surgir. A expressão deixar-viger identifica a essência grega de causalidade, a qual tem o sentido de ocasionar

que faz com que venha à presença aquilo que ainda não se apresentou. A partir de agora, devemos pensar um produzir como aquilo que é levado de um encobrimento para um desencobrimento para que, assim, descubra-se a verdadeira essência dessa produção.

Com essas constatações, Heidegger vai apresentar que a verdade, no sentido forte da palavra *Aletheia*, não está somente na cabeça de cada pensador ao longo de toda a história da filosofia, mas sim na estrutura de encobrimento e desencobrimento, sendo essa consideração o ponto primordial para a obtenção da verdadeira essência das coisas, sobretudo, a verdadeira essência da técnica. Dessa forma, a técnica também vai ser entendida como um caminho que leva à descoberta da verdade.

A produção conduz do encobrimento para o desencobrimento. Só se dá no sentido próprio de uma produção, enquanto e na medida em que alguma coisa encoberta chega ao desencobrir-se. Este chegar repousa e oscila no processo que chamamos desencobrimento. Para tal, os gregos possuíam a palavra *aletheia*. Os romanos a traduziram por *veritas*. Nós dizemos “verdade” e a entendemos geralmente como o correto de uma representação (HEIDEGGER, 2012, p.16).

Essa produção está integrada com a concepção de fazer com que alguma coisa apareça, deixando que algo venha a situar-se unido aos quatro modos de ocasionar, concebidos a partir da noção das quatro causas. É necessário considerar que esse processo manual não vale somente para a produção artesanal, visto que também vale para a produção poético-artística e tudo aquilo que abranja a natureza.

Tudo se decide na questão de pensar e produzir em toda a sua amplitude, e isso significa ao mesmo tempo no sentido dos gregos. Um levar à frente, *ποηζει* não é somente algo feito manualmente, não é somente levar a aparecer e à imagem *<zumscheinem-und ins-bild-bringen>* do poético-artístico. Também a *θύζει* o que a partir de si emerge, é um produzir, é

ποηζει. A *θύζει* é inclusive *ποηζει* no mais alto sentido. Pois o *θύζει* que se apresenta tem em si mesmo (*ν αυη*) a irrupção do produzir; por exemplo, no advento da flor no florescer. Em vista disso, o que é produzido manual e artisticamente, por exemplo, a taça de prata, tem a irrupção do produzir não em si mesmo, mas num outro (*ν λλ*) no artesão e no artista (HEIDEGGER, 2007, p.379).

Após analisar essas considerações acerca da Técnica, levando em conta as suas relações de encobrimento e desencobrimento, percebemos que ela não está unicamente aproximada com aquilo que está unido ao produzir, mas sim como uma forma de conhecimento efetuado pela qual busca encontrar a explicação de alguma coisa. Se tomarmos, como exemplo, a palavra (*έχνη*) no sentido grego, até a época de Platão, ela estava junta com outra palavra (*έπιζήμη*) haja vista que as duas significavam ter um bom discernimento de algo.

Para o homem se tornar responsável pela produção (*πιζμη*) é necessário que ele volte o seu pensamento para a natureza. Sendo assim, esta o revela e, por sua vez, ele responde ao seu envio quando pensa. Dessa forma, a natureza não é identificada como algo criado pelo homem, visto que ela é o lugar onde ele situa a sua existência, ou seja, o lugar onde se consolida a sua casa, e é a irrupção dela que permite ao homem pensar e construir (*έχνη*) o mundo. A dicotomia existente entre terra e mundo é de fundamental importância para podermos compreender a dimensão do encobrimento e desencobrimento, uma vez que é necessário sairmos da terra para podermos atingir a abertura para o mundo. A terra não se apresenta como essência, em virtude disso, o homem ao se afastar dela, aparece para o mundo o qual é o lugar onde ele se integra com Ser e descobre os demais entes, situando-se no caminho do verdadeiro pensamento.

Esse conceito de Técnica, o qual está fundamentado num trazer à frente aquilo que ainda não se apresenta, serve para entender a Técnica manual antiga, que está baseada

nos quatro modos de comprometimento. Entretanto, não vale para compreender a Técnica Moderna, a qual está correlacionada com as máquinas, aparelhos e a moderna ciência exata da natureza.

1.2 O DESENCOBRIENTO DA TÉCNICA MODERNA

A Técnica Moderna pode ser entendida da mesma forma que a Técnica Antiga, partindo de um descobrir-se, porém este resulta de maneira diferente, visto que não está fundado na elaboração de um trazer à frente aquilo o que estava ocluso. O desencobrimento da Técnica Moderna embasa-se na condição de um explorar, tornando o homem e os recursos naturais um manancial de reservas de elementos para a sua utilização. A exploração estabelecida através da natureza tem como intuito fornecer energia para que possa ser extraída, armazenada e transformada, quando ela explora uma área da terra com objetivo fornecimento de energia, esta se descobre como depósito.

A usina hidrelétrica posta no Reno dis-põe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dis-põe as turbinas a girar, cujo giro impulsiona um conjunto de máquinas, cujos mecanismos produzem corrente elétrica. As centrais de transmissão e sua rede se dis-põem a fornecer corrente. Nesta sucessão integrada de dis-posições de energia elétrica, o próprio Rio Reno aparece, como um dis-positivo. A usina hidrelétrica não está instalada no Reno, como a velha ponte de madeira que durante séculos, ligava uma à outra. A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na usina. O rio que hoje o Reno é, a saber, fornecedor de pressão hidráulica, o Reno o é pela essência da usina. Para se avaliar, mesmo à distância, o extraordinário aqui vigente, prestemos a atenção, por alguns instantes, no contraste das duas expressões: "o Reno" instalado na obra de engenharia da usina elétrica e "o Reno" evocado pela obra de arte do poema Holderlim. E, não obstante, há de se objetar: o Reno

de fato, sendo o rio da paisagem. Pode ser. Mas de que maneira? À maneira de que um objeto dis-posto à visitaçao turística por uma agência de viagens, por sua vez, disposta por uma indústria de férias (HEIDEGGER, 2012, p. 20).

O desencobrimento da Técnica Moderna é concebido a partir da característica da palavra "disposiçao", uma vez que ela também poder ser compreendida como um dispositivo o qual tem o sentido de disponibilidade, é um pôr que se apresenta na forma de exploração. A exploração é percebida quando se procede à extração da energia da natureza, a qual está incógnita. Aquilo que passa a ser extraído é transformado, logo em seguida armazenado, para que assim possa ser distribuído e reprocessado. Então, o desencobrimento da Técnica Moderna está vinculado, em um primeiro momento, à extração; num segundo, à transformação; em um terceiro, ao armazenamento; no quarto, à distribuição e, por fim, em um quinto momento, ao reprocessamento. Esses são todos os modos do desencobrimento da Técnica Moderna, que se revelam com uma forma de dominação.

A disponibilidade acontece quando a Técnica explora aquilo que aparece, mas, para ocorrer essa disponibilidade, é necessário ressaltar: o que se apresenta deve estar disposto para que seja assim disponibilizado por ela, possibilitando com que isso ocasione uma relação de subsistência. Considerando as perspectivas feitas acerca da disposiçao, por exemplo, quando utilizamos um computador com objetivo de entrar na internet para ler as notícias do mundo ou para nos descontrairmos em alguma rede social, não o estamos utilizando como se fosse um objeto autônomo, embora pensemos que seja, e é isso que faz com que cada vez mais, fiquemos insaciáveis com vontade de usá-lo, haja vista que não conhecemos em sua essência, a sua verdadeira função. O computador, em seu perfeito funcionamento operacional, está disponível, e ele necessita do homem para manuseá-lo. Portanto, o homem necessita dele para poder se informar e descontraí-se; com isso,

estabelece-se essa relação de subsistência, porém, se o homem não entender como ocorre esse desencobrimento, torna-se uma presa fácil, passível de dominação, na medida em que é a Técnica que exerce o controle desse processo uma vez que ela prende o homem e faz com que ele, cada vez mais, utilize-se desse instrumento.

A dominação exercida pela Técnica está aliada à consideração que tudo pode ser explorado por ela, não só os recursos naturais, mas também o homem, visto que vai ser ele que vai exercer essa exploração.

O coiteiro, que, na floresta, mede a lenha abatida e que aparentemente, como seu avô percorre os mesmos caminhos silvestres, está hoje à disposição da indústria madeireira, quer o saiba ou não. Ele está dis-posto ao fornecimento de celulose, exigida pela demanda do papel encomendado pelos jornais e revistas ilustradas. Estes, por sua vez, predispõem a opinião pública a consumir as mensagens impressas e a tornar-se disponível à manipulação disposta das opiniões (HEIDEGGER,2002, p.22).

Nessa perspectiva, o homem moderno tem uma relação de exploração com a natureza diferentemente do homem antigo, o qual participava de uma correlação legitimada por uma concepção de harmonia com ela. Se, por um lado, o homem moderno parte da noção de que as coisas não são mais produzidas visando a atingir algum fim, uma vez que tudo aquilo que existena natureza é suscetível de transformação, colocando tudo sempre à disposição, por outro, o homem antigo estabeleceu uma relação de empréstimo com a natureza na medida em que toda a matéria retirada dela vai ser devolvida. Tomamos, por exemplo, um moinho de vento (instrumento medieval que tinha por finalidade fazer a moagem dos grãos e o bombeamento de água), vemos que esse instrumento não retira energia da natureza para ser armazenada; pelo contrário, vai se familiarizando com ela até que os ventos estejam entrelaçados ao seu soprar para que, assim, efetue-se o seu funcionamento. O apelo que induz o homem a

pelo filósofo é o mesmo, na medida em que, ao utilizar a palavra Gestell representar o verdadeiro nome para a essência da Técnica Moderna. A armação consiste nisso, pois ela põe no homem a incumbência de ser o suporte, o qual desafia a descobrir a natureza de forma que ela possa ser entendida como um grande depósito constituído por estoques de reservas energéticas as quais possam ser extraídas.

desencobrir a natureza como algo que possa ser explorado e manipulado é denominado por Heidegger com a palavra Gestell³.

A essência da Técnica Moderna se mostra na sua verdadeira face, quando descobrimos a concepção de armação e a sua verdadeira função através do desencobrimento. Todavia, o homem contemporâneo está cego perante as questões do Ser, haja vista que ele foi condicionado pelo conhecimento da ciência moderna, a qual foi constituída pelo método calculista e sistemático que predispôs ao homem ser o sujeito que se apresenta como fundamento de todas as coisas. Esse conhecimento proporcionado pelo método científico, o qual impede que se alcancem as verdadeiras proposições sobre a essência das coisas, pode ser considerado um grande perigo, na medida em que o mascaramento da realidade apresentada pela representação do Ser leva-nos a pensar que estamos no controle identificando a Técnica como um meio.

A Técnica Moderna, além de disponibilizar recursos naturais para seu funcionamento, também disponibiliza o homem. Ela, através da armação, desafia-o a descobrir o real como subsistência. Foi na época Moderna, com o advento da nova Ciência da natureza, sucedeu-se a perda do sentido originário da verdade. Nesse período, o pensar metafísico cedeu espaço para à representação fenomênica imposta pelo método científico, na medida em que a moderna teoria da física vai servir de preparação para a essência da Técnica Moderna.

Permanece verdade: o homem da idade da técnica vê-se desafiado,

³ O termo Gestell, de origem Alemã, é traduzido para o português pela palavra armação, a qual designa o sentido de algum equipamento. Se tomarmos um objeto, por exemplo, uma estante de livros, a qual é conhecida na língua alemã pela palavra Büchergestell, percebemos que ela, nesse caso, seria o equipamento que tem a função de servir de suporte para que esses livros possam ser colocados. O objetivo empreendido

de forma especialmente incisiva, a comprometer-se com o desencobrimento. Em primeiro lugar, ele lida com a natureza, enquanto o principal reservatório das reservas de energia. Em consequência, o comportamento dispositivo do homem mostra-se, inicialmente, no aparecimento das ciências modernas da natureza, como um sistema operativo e calculável de forças. A física moderna não é experimental por usar, nas investigações da natureza, aparelhos e ferramentas. Ao contrário: porque, já na condição de pura teoria, a física leva a natureza a ex-por-se, como um sistema de forças, que se pode operar previamente, é que se dispõe do experimento para testar, se a natureza confirma tal condição e o modo em que o faz (HEIDEGGER, 2012, p. 24-25).

Se fizermos uma avaliação sobre a cronologia historiográfica, a qual data do surgimento das ciências naturais, perceberemos que a sua fundação está localizada no século XVII, mas a irrupção da Técnica das máquinas só se desenvolveu na segunda metade do século XVIII. Então, como a interpelação da Técnica Moderna poder ser anterior à ciência na qual ela se fundamenta? A essência da Técnica Moderna não se relaciona com aquilo que é representado por máquinas e aparelhos, mas sim com a determinação com a qual ela desafia o homem. Por isso, ela é anterior ao aparecimento desses instrumentos técnicos. Partindo da visão de Heidegger, a armação se constitui como a essência da Técnica Moderna, a qual disponibiliza ao homem fazer esse desencobrimento do real de forma que a natureza seja considerada como algo passível de exploração e manipulação.

Propondo uma crítica à história da filosofia Heidegger, identifica que, em Platão, houve uma ruptura com aquilo que se entendia por realidade, não por ser exclusivamente sua culpa, contudo o pensador reproduziu aquele conhecimento sobre aquilo que lhe foi passado. A sua doutrina filosófica subverteu aquilo que se constitui por verdade em decorrência da realidade, sendo isso mostrado através da luz das ideias. Platão inverteu a lógica do Ser,

haja vista que, a partir dele, a verdade estaria baseada no sentido do pensamento, o qual julga e estabelece relações entre as próprias ideias, determinando o pensar como fonte estabelecadora da verdade, visto que não vai ser mais o Ser que se se descobre ao pensamento. Essa representação metafísica intitulada, em virtude dessa dicotomia entre mundo real e ideal, vai ser o primado da questão do esquecimento da essência das coisas, o qual vai ter o seu apogeu com a fundação do método científico no período moderno.

Quando o filósofo passou a utilizar a palavra (ἔδδζ) para designar à essência de cada coisa que existia através da representação do mundo das ideias, ele considerou tudo aquilo que é imperceptível pelos nossos sentidos na sua verdadeira e perfeita forma, uma vez que o mundo real não seria mais o mundo verdadeiro. Platão considerava a existência desse mundo ideal para explicar a verdadeira essência das coisas, na medida em que são as ideias modelos inteligíveis dos seres perfeitos e reais: tudo aquilo que é sensível é uma imitação imperfeita do inteligível.

A essência de uma coisa foi pensada no sentido daquilo que perdura, sendo encontrada essa estrutura duradoura nas formas perfeitas as quais existiam no mundo inteligível. Se pegarmos, por exemplo, a ideia de casa ela significa tudo aquilo que se mostra e se constitui no Ser casa, porém as casas, as quais aparecem visíveis no mundo sensível, são variações mutantes e perecíveis da ideia de casa que, neste caso, não pertence a nada de duradouro. Partindo dessa percepção, tudo aquilo que é duradouro permanece com a sua condição de identidade, mas será que o fundamento daquilo que constitui o durável só deve residir naquilo que Platão pensa como ideia, e que a metafísica ao longo de toda a história da filosofia representa nas mais diversas explicações por essência?

Na sua descoberta filosófica, Heidegger buscara o sentido do que fora entendido por essência na história da metafísica, pois o essencial para o filósofo seria tudo aquilo que dura, entretanto ele desconsiderou que durável

se restringira apenas ao que Platão entendia por ideia. Quando formos analisar a essência da Técnica Moderna, devemos desconsiderar essa preposição Platônica representada como uma ideia que está pairando em cima de tudo que é técnico. Se a essência das coisas as quais habitam no mundo pode ser entendida através do que se apresenta como duração, ao tentarmos compreendermos a verdadeira essência da Técnica Moderna, constataremos que só poderemos percebê-la pela continuidade da duração. Nessa hipótese, o que dura e constitui sua essência é a armação.

A essência aqui não seria percebida naquele sentido o qual alguma coisa é, mas sim o modo como ela se "essencializa". Neste caso, seria a forma como se descobre a realidade compreendendo a disposição. A armação⁴ é o perigo extremo que prende o homem na disposição a qual desafia ele para descobrir a natureza como algo suscetível de manipulação e exploração, enquanto ela for representada como um instrumento na sua mão, ela disponibiliza dele para fazer esse mascaramento da realidade, através da imposição do método científico.

A era da Técnica não é vista como uma ameaça somente pela supremacia das máquinas e aparelhos, evidenciada pelo impacto que ela ocasiona no homem e no planeta, mas sim pela impossibilidade em que armação acarreta no impedimento de um descobrimento de uma verdade mais originária. Na visão de Heidegger, para se atingir um pensamento originário, é necessário retornar ao fundamento da metafísica para que assim se possa superar o objetivismo, o qual confundiu o Ser pelo ente, visto que ela já não pensa mais sobre o próprio Ser. A metafísica não é um dado da natureza, pois ela se situa em uma realidade cultural a qual deve ser submetida num conceito histórico. A metafísica clássica visava elaborar uma verdade universal

⁴ A Armação situa o homem no descobrimento da Técnica Moderna que o conduz para o caminho o qual se descobre o real como um grande depósito energético, em decorrência de sua utilização como um instrumento de exploração dos recursos naturais. O reinado da armação pertence ao destino do homem que caminha para apenas uma única forma de descobrimento.

feita através de um saber absoluto, a qual partia de uma visão essencialista e substancialista, com fundamento na realidade, negando essa questão histórica.

A filosofia deve partir da experiência metafísica originária, qual descobre o fundamento da relação que se faz do homem com o mundo onde a intenção se procede com a característica existencial do Ser humano. Este é um Ser livre e busca na liberdade o seu sentido para sua existência, sendo o caráter transcendental o responsável por fazer essa abertura com mundo projetado na experiência. Logo, o homem não seria uma essência estável, mas uma possibilidade que se apresenta na história.

Quando Heidegger se propôs a fazer a crítica à metafísica clássica e ao método científico, em decorrência da problemática que se apresenta pelo esquecimento do Ser, sobretudo pelo ponto nevrálgico o qual seria a condição humana, ou seja, aquilo que constitui nos Seres humanos e faz com que nos diferenciamos dos outros entes os quais habitam a terra. Partindo da compreensão do Ser-aí, o filósofo vai fundamentar a sua crítica a todo esse conhecimento objetivo, visto que ele é o único Ser livre e capaz de encontrar todos os entes. O homem é o único ente que propõe a pergunta sobre o Ser, está sempre jogado em uma situação, lançado nela, e em relação de abertura com o mundo.

O mundo é aquilo "em que" o ser-aí sempre já era, é aquilo para onde já sempre retorna quando vai. O mundo é essencialmente constituído pelo ser-aí. É o lugar em que todos os entes encontram significação, mas é ao mesmo tempo o lugar em que já se movimenta o ser-aí que dá sentido aos entes. Por isso o homem já sempre está no mundo, ao qual se dirige, quando dispõe dos entes a que se dá sentido (STEIN, 1966, p.48).

A armação coloca o homem no descobrimento da Técnica Moderna, visto que ele é provocado a extrair os recursos naturais, através da manipulação e exploração do método

científico. As máquinas de forças dependem dele para serem produzidas e exercer seu funcionamento, isso se dá por causa da interpretação equivocada sobre a realidade do Ser da Técnica, que é considerado como um meio, por isso a técnica exerce essa função de dominação disponibilizando o homem em seu benefício próprio.

A Técnica disponibiliza tudo aquilo que é tocado por ela, entretanto o homem é diferente de todos os outros entes, haja vista que ele é um Ser livre e capaz de encontrar todos os outros entes, não é um objeto isolado como uma essência estável ou uma substância, é um Ser relacional o qual se faz no mundo, é o único Ser que é projeto pelo qual se apresenta na história. Se pegarmos como exemplo os outros entes os quais habitam a natureza, veremos que o homem é o único Ser capaz de quebrar esse determinismo cósmico- biológico, na medida em que foi a partir dele que a natureza irrompeu para a visão-de-si-mesma.

O animal rege àquilo que rompe esse círculo; rege a um algo e relaciona-se com ele nessa medida, mas não percebe esse algo como esse algo determinado. Em outras palavras: ele não percebe que percebe alguma coisa. O animal tem uma determinada abertura para o mundo, mas esse mundo não se lhe pode ser revelado como mundo. Isso só acontece no ser humano. Entre o ser humano e seu mundo escaram-se um espaço. A ligação com o mundo afrouxa-se a ponto de o ser humano conseguir se relacionar com o mundo, consigo mesmo, e consigo como algo que acontece no mundo. O ser humano não é apenas distinto, ele também consegue, partindo de si, distinguir-se dos outros; e não apenas pode se relacionar com as coisas distinguíveis, mas pode fazer distinções entre as coisas (SAFRANSKI, 2005, p.244).

Abriu-se uma fresta no meio do ente a qual estava fechada através do Ser humano, haja vista que sem ele o Ser seria mudo estando apenas presente. Essa diferença existente entre os outros entes e o homem vai ser de vital importância para podermos compreender

a nossa relação com a interpelação da técnica moderna. Para podermos ter uma livre relação com ela, devemos considerar a essência do Ser-aí, reconhecendo a sua condição existencial para determiná-lo como um Ser que está para além da imposição do conhecimento técnico-científico.

Devido à supremacia do modelo científico o homem, é provocado a pesquisar e observar a natureza através do seu método qual permite significar a natureza como um objeto de representação e acaba por assim se tornando controlado pela armação que o impossibilita de conhecer uma verdade mais originária.

Na antiguidade, não existia essa bipolarização entre sujeito e objeto a qual veio se constituir no período moderno. Naquela época antiga, se pensava que todos os entes eram sujeitos incluindo todos os seres vivos, sobretudo o homem. Quando a antiga época chegou ao seu final ocasionou essa ruptura sobre a compreensão do sujeito, e com isso o homem reconheceu sua existência privilegiada em referência à natureza. O conceito de Sujeito perdeu essa conjectura de significado, passando a ser reconhecido apenas como o homem. Em contrapartida o objeto adquiriu esse caráter de oposição a ele, da mesma maneira em que se tornou dependente sem ter nenhuma autonomia própria. A Técnica é irreconhecível sem esse apogeu do sujeito moderno o qual predispôs o homem a designar relações cosmológicas com todos os entes. Essa bipolarização é a causadora da exploração do homem ao seu próprio mundo.

A verdade originária sempre se mostrará por último, contudo é necessário pensar com mais propriedade aquilo que se pensou na origem. A armação direciona ao homem para fazer esse desencobrimento equivocado do real, mas vai ser através desse questionamento sobre a Técnica Moderna, pensada como um meio, que conseguiremos descobrir a verdadeira revelação da sua essência a qual é constituída por um caráter de ambiguidade. A armação é o lugar em que acontece o encobrimento e desencobrimento da essência

da verdade, uma vez que o homem quando for posto diante do perigo do desencobrimento explorador, vai avistar o caminho que salva, quando reconhecer este perigo através de sua reflexão. Heidegger atinge essa dimensão da possibilidade de salvação a partir de um fragmento de um pensamento do poeta romântico Hölderlin. "Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva" (HEIDEGGER apud HÖRDERLIN, 2002, p.37).

Em decorrência disso, é necessário pensarmos agora no lugar onde se apresenta esse perigo está contido aquilo que salva. Por isso é importante questionarmos a Técnica mais uma vez na sua essência para que, assim, ocorra a irrupção dessa força salvadora.

Pensamos esta palavra de Hölderlin com todo cuidado: o que significa "salvar"? Geralmente, achamos que significa apenas retirar, a tempo, da destruição o que se acha ameaçado em continuar a ser o que vinha sendo. Ora, "salvar" diz muito mais. "Salvar" diz: chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho (HEIDEGGER, 2002, p.31).

A Técnica na época dos gregos levava o nome de *ἐχνη* a qual era entendida como a verdade através da luz daquilo que aparece. No entanto, o produzir das belas artes também era conhecido como *ἐχνη*. Nesta época, as artes ascenderam a um nível superior de desencobrimento, pois elas permitiram que a presença dos deuses intervissem no mundo humano através do encontro entre o destino do homem e do divino. A arte⁵ era vista como a sentinela guardadora da verdade.

O pensamento consuma a referência do Ser à essência. Não a produz nem a efetua. O pensamento

⁵ Importante de ressaltar que as artes nesse período não tinham o objetivo de serem criadas apenas esteticamente como produção cultural, como é vista nos dias atuais. Por isso, elas significavam essa condição de desencobrimento o qual trazia a luz da verdade daquilo o que não estava presente. Esse desencobrimento estava contido na poesia, na medida em que o gênero poético ultrapassa "essencializando" toda a arte. O filósofo vai buscar na poesia a verdadeira revelação do Ser, visto que é bem verdade que o Ser humano é o único Ser que fala linguisticamente.

apenas a restitui ao Ser, como algo que lhe foi entregue pelo próprio Ser. Essa restituição consiste em que, no pensamento o Ser se torne linguagem. A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é consumir a manifestação do Ser, por quanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na linguagem (HEIDEGGER, 1947, p.24).

Nesse sentido o homem não vai ser o senhor do Ser, mas apenas o pastor dele, na medida em que ele deve ouvir o chamado do próprio Ser para assim ser o cuidador de sua verdade a qual se revelará na poesia como foi nesse caso utilizado pelas palavras de Hölderlin ao reconhecer que no lugar onde se apresenta o perigo existe a salvação. O cuidado é o modo próprio do Ser-aí, sendo essa a experiência mais radical de sua existência. Ele não representa a sua autoridade sobre os demais entes, mas sim o respeito e a compreensão por todos eles os quais também fazem parte do seu próprio mundo. O deixar-ser da verdade do Ser a qual se revela ao homem possibilita compreender sentido do seu ente que é o significador do mundo, visto que quando ele pensar levará luz à verdade do Ser através da linguagem.

Com isso, é necessário fazermos um desencobrimento sobre a essência da Técnica, questionando a sua possível e correta determinação para assim ir atrás daquilo que está contido por detrás dessa interpretação e assim conseguir alcançar uma verdade mais originária, levando em consideração a dimensão do encobrimento e desencobrimento, haja vista que se ela seguir sendo entendida como um meio estabelecido pela ação humana continuará estando encoberta e continuará representando perigo devido à deformação de sua essência na medida em que o homem continuará acreditando que está no seu controle. Porém se questionarmos ela mais uma vez, reconhecendo o impacto que ela ocasiona no planeta e no próprio homem devido a sua exploração, estaremos abertos para uma nova revelação que significará esse desprendimento imposto pela armação, para que assim se

possa estabelecer uma livre relação com tudo aquilo que cerca o seu espaço, desde os seus objetos técnicos até a sua essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na era da Técnica, ocorreu a submissão da humanidade devido a sua interpelação exploradora, porque houve a inversão dos papéis, quando a criatura se tornou autônoma e se revelou contra o seu próprio criador. O homem contemporâneo, por conseguinte, está sendo arrastado por tudo aquilo que é técnico, uma vez que ele não consegue mais fazer uma experiência com a própria revelação do Ser no seu estado mais original, sendo esse o grande problema o qual impede o entendimento da Técnica.

O esquecimento do Ser estabelecido pela metafísica clássica propiciou essa forma de conduta, visto que foi ela que considerou esse pensamento abstrato voltado para a objetivação do Ser, o qual impossibilitou sua total revelação. Essa determinação metafísica foi preponderante, servindo como base para a criação do modelo científico e do mundo da Técnica. Em decorrência disso, Heidegger nos propõe fazer esse resgate das origens que formaram o pensamento ocidental e, com isso, encontrar lá o ponto originário, possibilitando um novo recomeço para o pensamento.

A consideração "essencialista" desse modo de pensar a realidade como um objeto foi concebida já lá no princípio da nossa cultura. O pensador considera que essa dimensão conhecedora da realidade foi introduzida pela filosofia de Platão, porém não se deve colocar todos os créditos em seu desenvolvimento filosófico, uma vez que ele simplesmente só passou o conhecimento que já havia sido passado pelos seus predecessores. Essa filosofia partia da consideração que todos os entes eram vistos como essências estáveis, porém ela negou a condição do Ser do homem, pois este não pode ser entendido dessa forma, na medida em que é uma possibilidade a qual se apresenta na história. É o único ente que se

propõe fazer a pergunta sobre o Ser, ao mesmo tempo no qual existe na temporalidade, sendo capaz de quebrar a determinação cósmica biológica da natureza. O objetivo da metafísica, a partir de agora, não deve estar fundado na concepção de um ente transcendente estável, mas sim naquele Ser que existe, constrói-se e permite a significação do mundo.

Ao resgatar esse sentido do homem de Ser livre no mundo, Heidegger promoverá um novo começo para a questão do pensar, visto que, em decorrência disso, não vamos pensar mais a realidade das coisas a partir do ente, mas sim do próprio Ser, ocasionando, com isso, uma abertura para essa nova possibilidade de pensar o mundo, em virtude da noção dessa condição histórica da existência do homem, a qual vai ser o novo objeto do pensamento. Logo, devemos considerar essa liberdade radical do Ser humano para que jamais nos deixemos ser arrastados pelas coisas que rodeiam o mundo, sobretudo, a própria Técnica.

REFERÊNCIAS

BRÜSEKE, Franz Josef. **Heidegger como Crítico da Técnica Moderna**. Paper do NAEA UFPA, Pará, n. 71, p. 1-37, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003. HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

_____. **Que é Metafísica?**. São Paulo : Duas Cidades, 1969.

_____. **A questão da Técnica**. Tradução de Marco Aurélio Werle. *Scientiae Studia*, São Paulo, v.5, n.3, p. 375-398, 2007.

_____. **Ensaios e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. – 8. ed. – Petrópolis :

Vozes ; Bragança Paulista : Editora Universitária
São Francisco, 2012.

LOTZ, J. **Martin Heidegger e São Tomás de Áquino**. Lisboa: Piaget, 2002.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. 13. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERE, Dario. **História da filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. 6 ed. v.3. São Paulo: Paulus, 1990.

RUDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SAFRANSKI, Rudiger. **Heidegger. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. Tradução de Lya Luft. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

STEPHAN, Cassiana Lopes. **O Desocultamento da Essência da Técnica em Heidegger**. Cadernospetfilosofia UFPR, Paraná, n. 12, p. 59-77, 2010-2011.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. 1. ed. Porto Alegre: Ithaca, 1966.